

74 FEV 1988

JORNAL DO BRASIL

O lugar Sarney

William Waack

Foi de supetão que o presidente Sarney dirigiu-se a todos os que queriam ter uma resposta sobre o lugar que pretende para o Brasil no mundo: não é no clube dos ricos, afirmou, no Uruguai, num arroubo de febre integracionista e *hermandad* latino-americana.

Na constante briga que vem travando ultimamente com os fatos, o chefe de Estado brasileiro parece estar motivado pela convicção de que política externa se faz sobretudo com palavras. Ele corre o grave risco de se perfilar na galeria de líderes latino-americanos que dividem má fama internacional devido à abusiva distância entre o volume da retórica e o vazio dos atos.

"Pertencer ou não ao "clube dos ricos", expressão pela qual os analistas costumam definir o grupo das nações capitalistas mais industrializadas (a saber: Estados Unidos, Alemanha, Japão, França, Inglaterra, Canadá e Itália), não é simplesmente uma questão de adquirir o título e pagar a taxa de manutenção. É uma "categoria" na qual um país está incluído devido à soma de uma intrincada rede de fatores: potencial econômico, situação geográfica, demografia, recursos diversos, poder militar e, parafraseando Antonio Gramsci, a *posição ideológica* que possui em determinado momento.

O Brasil exibe sua condição de oitava economia entre os países capitalistas (e décima no mundo inteiro) em consequência de uma política de desenvolvimento econômico imposta por governo militar que ele, Sarney, durante décadas, aplaudiu. Fazia parte também das intenções desse regime levar o país ao patamar de grande potência — um sonho que se traduziu também em projetos mirabolantes e de duvidosa necessidade, numa dívida externa de proporções intoleráveis e em gravíssimas distorções estruturais e sociais.

Permanecem, porém, alguns elementos aparentemente mais bem conhecidos por vizinhos latino-americanos do Brasil do que pelo seu próprio presidente. O grau de industrialização brasileira levou o país — quer se queira ou não — ao lugar de principal potência econômica e comercial da América do Sul. A reticência dos industriais argentinos em aceitar acordos de cooperação com o Brasil que, no seu entender, colocariam sua indústria em dependência direta da brasileira, é o melhor exemplo recente para ilustrar essa realidade: os vizinhos latino-americanos reconhecem no Brasil um gigante vários degraus acima no esforço de mobilizar recursos econômicos e maximizar vantagens comparativas — a despeito de tudo o que se possa dizer da atual crise.

Faz parte do extenso anedotário de Nelson Rockefeller uma frase que lhe foi atribuída quando solicitado a definir o Brasil.

"É um país-continente voltado de costas para o mar", teria dito, mas a frase vale também em relação aos *hermanos de Latinoamerica*. Durante décadas o Brasil ignorou solenemente seus vizinhos, numa tendência isolacionista que hoje se manifesta sob outras formas, e que não ficou sem conseqüências. É diante desse pano de fundo que se tornaram tão importantes os acordos de cooperação com Argentina e Uruguai, fatos realmente relevantes na recente política externa brasileira.

Consta, porém, que nenhum desses acordos foi feito para evitar que o Brasil pertencesse ao clube dos ricos. Ao contrário: eles pareciam baseados na sadia percepção de que apenas a integração de mercados regionais pode fazer frente aos grandes blocos econômicos que se solidificam em escala global. Neste sentido, fazer parte de um grupo reduzido de nações não é um fim em si mesmo, mas simplesmente o forçoso resultado que o peso específico e a expansão das relações de troca internacionais obrigam o Brasil a encarar.

O problema, portanto, parece ser o de aceitar ou não certas regras de comportamento típicas de quem comparte interesses comuns com outro grupo de países — e é negável que o Brasil os possui com alguns ricos: livre comércio, acesso à tecnologia, disponibilidade de recursos financeiros. O presidente brasileiro hesita em reconhecer um fato — o do papel que o país já desempenha na constelação internacional — ou não está interessado em assumir formas de comportamento características de ricos.

O que importaria, nesse último caso, uma notável alteração de sua posição ideológica, como representante ou não de forças progressistas. Não parece ser exatamente essa tendência brasileira no momento, seja pela confusão interna na qual estão mergulhadas suas elites dirigentes, seja pela quase completa ausência de exemplos a serem seguidos nesse maldefinido Terceiro Mundo. Isolamento retrógrado e agrário à la Albânia, talvez? Ou transformar-se numa grande ZPE, como a Coreia do Sul (que, aliás, não tem maior identificação com o Terceiro Mundo)? Buscar inspiração em modelos de desenvolvimento de Kadhafi, Khomeini, Pinochet, Rajiv Ghandi ou Castro? Todos são, afinal, do Terceiro Mundo.

É difícil retirar das recentes declarações do presidente Sarney qualquer conseqüência prática para a conduta dos negócios exteriores brasileiros. Se suas palavras foram só uma maneira de agradecer aos vizinhos, não há razão para pretender dominá-los, explorá-los ou o que se possa precisar ser mais. Os acordos de cooperação com argentinos falam por si.

Devem ter sido pronunciadas, então, pelo bonito que soam. Mas fica esse vazio no ar, e a gente não se livra dessa impressão de que nem eles mesmos acreditam no que dizem.